

MEDO E DESEJO¹

Giuseppe Ferraro

Tenho receio de não conseguir lhes dizer as coisas que preparei nestes dias e para esta conferência. Receio perdê-las, e desejo expô-las. Já caí no título deste encontro: Medo e Desejo. Chego logo à conclusão, àquela que estabeleci no decurso dos últimos dias. É preciso doar o medo, mas somente alguns momentos atrás, quando entrei nesta sala, é que compreendi o que realmente queria dizer aquela expressão que eu colhere nesses dias: para sermos verdadeiros, precisamos doar o medo. Caso contrário, nos mascaramos com o medo. Pronto, por medo de perder o caminho destes dias, eu o escrevi. Faço uso de meios. Me mascaro, recorro a artifícios. Vocês não devem ter medo. Não vou ler. Dão a vocês meu medo. Pedi a alguns estudantes de me fazer companhia na mesa. Eles tomarão a palavra junto comigo. Serão meus amigos.

O medo é uma afecção, não é um afeto. Não é um sentimento. Não estabelece vínculos. O outro, a outra, não são mais pessoas, o medo lhes barra o acesso, o contato, escapam, se afastam e nos perdem, porque nos perdemos em seu afastamento. No lugar do outro, da outra, figura uma sombra, a escuridão, o vazio da escuridão. O medo da sombra é a primeira experiência da alteridade, sem mais, do outro sem identidade, do outro sem motivo. Sem passagens que levem ao próprio ser interior ser presente, existente e vivente. Inaceitável. Deve-se aceitá-lo. O medo abre o abismo da sombra, do outro, abre o abismo dentro. O primeiro medo, que cada criança conhece e que esquece pois é insustentável, é o medo da sombra, da própria sombra, o medo de descobrir o próprio ser outro, sem rosto. O outro que se vê e se move com nosso movimento. Inicia-se assim aquele processo de esclarecimento da sombra que primeiro se torna fantasma, a recordação, o que retorna na escuridão do eu; depois se revela no espelho, a sombra torna-se eu, se representa. Por fim, vai se tornar o amigo, aquele que escuta minhas palavras e que eu próprio escuto nas suas palavras, sem repeti-las no abismo do eco das próprias palavras quando se está a sós. Assim a sombra é o eco obscuro do corpo próprio. Escuridão. Nada. O amigo é quem, ao contrário, infunde coragem.

Ai vamos dizer que o medo desempenha então um papel importante. Com o medo se aprende, mas o que se aprende do medo que não seja também uma aprendizagem que mete medo, que assusta, e que portanto tem o perigo na sua expressão ?!

O medo estabelece uma fronteira. Não um vínculo. Um limite territorial, para um limite moral. Um limite étnico, para um limite ético. O medo desempenha uma importante função educativa. Tem uma função pedagógica, atua como alavanca. O medo da nota, da interrogação, da conduta, do desempenho dos outros. Mas não se pode desenvolver uma pedagogia do medo.

¹Università degli Studi 'Federico II' / Nápoles / Itália

Não se deve educar ao medo ou por meio do medo, antes é preciso educar o medo. Impeli-lo a se tornar sentimento. A se traduzir em prudência, em temor, até se resolver, a se confundir com o amor, que está entre o medo e o desejo. Do medo vem o temor, do desejo vem a esperança. Não há amor sem temor, não há esperança sem amor. O medo não se supera, se transforma, de afecção se torna afeto. E é o amor que produz tal transformação. Medo e desejo são duas margens completamente simétricas. Têm o mesmo espectro emocional. O amor educa o desejo, o amor educa o medo. Educa o medo em temor e o desejo em esperança. O amor ensina a espera e a presença, ensina a estar presente, porque quem aguarda na esperança também cuida, aguarda sem tempo e por isto está presente. O amor educa a estar entre o evento e o ocorrido, entre o passado e o futuro que vem do presente que se conta, se imagina, projeta, sonha, fantasia, se ilude. É como nós amamos que estamos também aqui, é como nós tememos e como aguardamos. Tudo isto nos vem do medo e do desejo, do fundo de uma afecção contrastante e igual, indistinguível.

A imagem a que Leonardo da Vinci se referia para falar da condição de conhecimento da natureza, pode ser transferida da “caverna da natureza” à “caverna da própria natureza”.

«... e impellido pela minha ávida vontade, desejoso de ver a grande abundância das várias e estranhas formas feitas pela engenhosa natureza, girando um pouco abaixo dos penhascos umbrosos, cheguei à entrada de uma grande caverna; diante da qual, ficando um tanto estupefato e ignorante de tal coisa, dobrando em arco minhas costas, e encostada no joelho a mão cansada e com a mão direita escureci meus cílios abaixados e fechados e dobrando-me bastante para um lado e para o outro para ver se eu discernisse dentro alguma coisa; e isto me era vedado pela grande escuridão que havia lá dentro. E lá ficando um tanto, de repente surgiram em mim duas coisas, medo e desejo: medo da ameaçadora e escura espelunca, desejo de ver se lá dentro houvesse alguma coisa milagrosa» (Scritti Letterari, pag. 184, Rizzoli, Milão 1980)

Quanto difere a imagem da caverna de Leonardo daquela de Platão. Aqui nos encontramos fora da caverna. No mito de Platão saímos para fora da caverna, nos libertamos. Dentro, há sombras de corpos construídos por homens e por eles mesmos levados ao longo de um pequeno muro que recebe luz do fogo. Fora da caverna há o Sol, e é ao sol que a vista se aclara. É preciso sair da caverna, das sombras que permutamos para ser viventes e falantes, enquanto são apenas artifícios humanos.

Leonardo, pelo contrário, está lá, fora da caverna. Olha para dentro dela. É atraído e assustado, o desejo e tem medo. Medo pela ameaça, desejo do admirável. Do que não foi visto antes. O que dá medo e se deseja para obter sua posse e adquirir um novo olhar. Para Platão é o sol que torna admiráveis todas as coisas. Para Leonardo o admirável está também na escuridão,

somos nós mesmos a aclará-la. Este, porém, é o ponto: o que conhecemos por medo e desejo é também um conhecimento desejoso e perigoso. Para Platão é o eros que nos move, e o eros está entre o saber e o não saber, uma mistura. E é justamente este o conhecimento que vem do impulso do eros, a mistura, o misto. Com Leonardo, com o Moderno, longe do Grego, a mistura do conhecimento que alimentamos e ao qual nos educamos está entre o medo e o desejo, é desejosa e perigosa.

«Nós não sabemos o que pode um corpo», dizia Spinoza dando à mente a função de encontrar uma causa adequada e traduzir a afecção em afeto, passando da paixão à ação, chegando à subjetivação, ao estar sujeito, não sem concluir que o estar sujeito é uma sujeição, que se resgata e se libera somente como abandono. Spinoza distinguia a afecção do afeto indicando este como a afecção que encontra, por parte da Mente, sua causa adequada ou inadequada. Uma por um afeto alegre, a outra por um afeto triste. O afeto é pois determinado, conhecido, vivido com consciência. A afecção é antes algo que nos pega, é própria do corpo e da mente, mas daquilo que da mente não sabe do corpo e que a mente não sabe de si própria porque «a essência da Mente consiste na idéia do corpo em ação», mas nós não sabemos – a Mente não sabe – o que possa o Corpo. Pensamos pois estar livres nas nossas ações mas acontece, no fundo da nossa clareza e distinção, sermos como sonâmbulos ou como bêbados, ou menininhos, crianças, drogados. No fundo da nossa liberdade de dizer e fazer esta e aquela coisa, opera algo desconhecido a nós mesmos, à nossa mente, e é o corpo. Nós não sabemos o que pode um corpo.

E é este o medo. Este não saber, este não poder indicar uma causa adequada à nossa afecção e não conseguir portanto traduzi-la em afeto, em sentimento, a encontrar pois nela um vínculo, a fazer do próprio medo um vínculo e a transformá-lo portanto em sentimento, para que não seja mais medo. Simples afecção. Envolve nosso ser verdadeiro. Do que somos na verdade e do como podermos ser pessoas verdadeiras, indivíduos, homens na verdade, que falam a verdade e são verdadeiros, manifestando seu próprio ser autêntico.

É preciso doar o medo para ser verdadeiros. Esta é a conclusão a que cheguei, depois de ter feito perguntas no caminho desta pesquisa para tê-la nesta conferência. Interroguei jovens e crianças, estudantes, docentes, adultos, interroguei os livros que me são queridos, tomei e li suas páginas como se fossem cartas que me chegassem de um tempo que está ao lado do meu, do nosso agora, vivente e existido.

É preciso doar o próprio medo para ser verdadeiros. Diversamente, o medo produz mascaramentos. Estratégias de mentiras, até enclausurar, confinar, separar, não abrir. Nunca

haverá compartilhamento se não se juntarem nossas divisões, nossas soleiras e limites. Isto não é possível abstratamente. É preciso doar o medo. Não é de todos, mas é de cada um.

O medo gera superstição. É uma alavanca do poder. No plano social age como separador e injunção de dever. Será ainda mais evidente que não se deve educar ao dever, mas ao poder do qual o dever é o instrumento, não o fim. O fim do dever é a potência, não a obediência. A potência é o avesso da obediência. A potência é ativa, a obediência é passiva, e também enganadora. Já a potência é pura manifestação de presença, de espera, de atenção.

Não deveis ter medo! Ou talvez não, é preciso ter medo !? Pode então o medo ser algo que se pode suscitar por urgência, por necessidade, por obrigação? Certamente, na escola o medo está presente. Se faz uso do medo. Através da nota, da interrogação, do julgamento. Agora está se reinstituindo a nota de comportamento. Deveria dar medo. Contudo, diz-se também amar de medo. E pareceria algo de oposto ao medo do comportamento. É certo que a escola recorre ao medo para ser reconhecida na sua ação educativa. Pode-se afirmar que o medo tem uma função na pedagogia, no entanto não se pode aceitar uma pedagogia do medo. Por isto se tem o facilitador, por isto se recorre a meios sedativos, a minimizar as dificuldades. Talvez é justamente o lugar do medo que seja difícil de se indicar e estabelecer para encaminhar um processo educativo, para aprender. Não se deve ter medo, mas talvez deveríamos afirmar que é preferível educar o medo, do que educar por meio do medo, ou educar ao medo. A questão passa de limiar a limiar, da escola à sociedade, da educação à política, da formação à profissão, de si aos outros. O medo é próprio do relacionamento, ma é como um momento, chega, não se pode decidir. O medo chega quando não há relacionamento. Não se pode suscitá-lo, acontece. E é um momento. É sempre no momento. O medo diante do que acontece, ao não conseguir dominar uma situação. Ao não encontrar relação entre o que acontece e o que o determina, A causa. O que se consegue distinguir como origem. Ou então o medo do que se fez. Mas então o medo não encontra mais a causa como sua determinação, a causa se torna a culpa. Sobre o medo se desenvolve a consciência da moral, não a ética.

Ou então o medo diante do que pode acontecer, dada uma situação, dada uma ação. Mas não é mais, é preocupação. O medo é outra coisa. Está sempre no presente. Sempre já. Agora. É tal, porém, que pode transtornar o presente e o agora. E logo percebemos que todo o nosso raciocinar e organizar nossa vida, no plano institucional, social, pessoal, nada mais é que, do presente, estabelecer um agora, um já, sem deixar livre o medo, dominando-o. Assim nós conseguimos a subjetividade, assim nos tornamos sujeitos agentes, assim estabelecemos nossas

relações, avançamos exorcizando, eliminando, dominando o medo. Obtemos também simulações de cena monstruosa, delituosas, para não ter medo. Ma o que é mesmo e de onde vem e aonde nos leva o medo? Vem de outro, do outro, daquilo que é outro e que não se conhece. O primeiro medo, aquele que esquecemos em crianças é o medo da sombra. Também o medo da comida, quando se passa do seio à desmama. A recusa do que não se conhece. O medo é um sistema de defesa. Mas contra quem ? contra o que ? Quem e o que nos dá medo? Existir. Não hesito. É isto. Existir. O medo é a afecção da existência. O medo existe. *Ex siste*, se põe de algo que não conhecemos. O medo vem à existência da vida. No medo, nos encontramos na soleira da existência e da vida, na fronteira, na fronteira de existência e vida. Podemos perdê-lo, ma é também este perdê-lo que suscita, junto com o medo, o desejo.

Agora isto já é para mim um modo de me apresentar. Ensino filosofia dentro e fora da universidade. Ensino ética aos rapazes que deixam o curso médio superior e enfrentam o percurso formativo que os encaminha a uma disciplina universitária específica. Ensino entre as crianças das escolas do desconforto de minha cidade, de minha região, ensino filosofia na cadeia. Nenhuma disciplina como a filosofia avança nas fronteiras extremas da vida e da existência. Nenhuma disciplina como a filosofia avança na fronteira de sentido e do contra-senso. Nenhuma disciplina lida como a filosofia com o medo e o desejo. Com o medo sem razão e sem por quê, sem qualquer causa adequada ou determinada. A filosofia avança sobre o abismo da existência, onde o medo se torna angústia. Os filósofos a conhecem como o medo de nada, como medo que vem do nada. É esta a distinção que a filosofia assinalou entre o medo como afecção da consciência e a angústia como afecção da existência. Não é a mesma. Sobre o medo como afecção da consciência nasceu a moral. Sobre a angústia como afecção da existência nasceu a ontologia, a pergunta sobre o ser. Algo que os antigos não conheceram, porque se interrogaram sobre a substância do ser, sobre aquilo que nos mantém a existência na vida, ao mundo como comensurado ao esplendor e ao movimento dos astros, respondido sobre a harmonia do universo. A ontologia se afirma, ao contrário, como pergunta sobre o ser, sobre o senso do ser. Sobre como o percebemos e o vivemos e, percebendo-o como o percebemos e vivendo-o como o vivemos, o perdemos, nos extraviamos. Os Gregos não conheceram a angústia. Não souberam do medo do nada. Não conheceram a angústia, sabiam do pânico e era o medo do todo, *pan*, o medo da Natureza, da *Physis*. Conheciam o pânico, o medo de quando nos sentimos sozinhos na natureza, nós conhecemos o medo de quando nos sentimos sozinhos no mundo. E é diferente. A caverna de Leonardo é diferente da caverna de Platão. Aquele tenta entrar nela, é atraído por ela e a teme. Este tenta de sair dela, de vir ao mundo. A caverna agora é o nosso ânimo. O dentro de nós.

Os filósofos conhecem o medo, o colhem como angústia, falam do medo da consciência e do medo da existência. Não se referem a uma analítica da psique, se referem a uma analítica da existência. Os gregos não tinham necessidade de uma moral, porque eram sustentados, como Nietzsche diz, por uma ética qual expressão do cosmo, sobre o qual podiam escrever sua própria estética, sua própria relevância artística, nós, pelo contrário, construímos morais sem qualquer fundamento ético. Confundimos moral e ética. Nos impelimos para distinguir uma da outra. Não compreendemos ainda que uma está dentro da outra, é sua pintura, a interpretação, a conduta pessoal. Estética.

Os filósofos conhecem o medo, a angústia, o contra-senso, por isto são também os mais felizes, por isto falam da alegria e todo livro de ética termina em alegria. Os filósofos sabem da felicidade. Sabem ir além do medo, além do engano e da ilusão. Vou aos limites da cidade, onde a voz não encontra palavras ou fica muda, onde a voz não encontra escuta e tem medo, dilacerando-se num grito ou fechado-se no silêncio. Quando entro no cárcere, quando transponho todas aquelas cancelas uma atrás da outra, não saberia dizer se é a mesma coisa do primeiro dia na escola, da porta da sala de aula, das carteiras. Não sei se é o mesmo daquilo que experimenta o menino daquela escola que encontrei sozinho, no curso de recuperação, ou Luigi, a criança na última carteira, sozinho. Não sei se é o mesmo para o menino e a menina de Giugliano que chega ao ISIS “de Nicola” no Vomero [*bairro de Nápoles - ndt*], naquela escola que me surpreendeu, porque em cada rampa de escada, em cada ingresso de andar há uma cancela. Está aberta. Espero, creio, imagino, que nunca tenha estado fechada, ma está lá para ser fechada e aberta, aberta e fechada.

Quando fomos juntos ao cárcere, quando levei lá meus alunos, houve uma moça que perguntou àqueles que vivem a prisão perpétua, fechados lá dentro, se tinham medo. Sim, respondeu um, medo de sair para fora. Medo de ficar dentro. Agora já se tornou um modo, um método, uma maneira de responder. Quando sou chamado para um colóquio como este para discutir, como agora, sobre o medo, chego aqui, no momento em que me encontro a falar, fazendo antes o giro dos lugares e das pessoas, interrogando quem encontro no meu caminho para lhe perguntar como, nestas semanas, o que é o medo e de que se tem medo, de onde vem e como se lhe escapa. Interrogo os livros, interrogo os filósofos, leio as páginas de pesquisa, como se fossem cartas que me tenham enviado de outro tempo, de um pensar. Cartas endereçadas a quem as faz suas. Assim, reli as cartas de Spinoza, as páginas da Ética, li as cartas de Hegel, perguntei aos rapazes do Galieni, às crianças do primeiro círculo de Caserta, aos docentes, aos

homens e às mulheres, aos detidos. Reportam coisas que me fizeram pensar. O que aprendi, não foi o que é o medo, mas o que posso dizer que seja deste caminho, e que hoje será algo diferente que se acrescenta depois deste encontro. Há, ainda, que estou raciocinando sobre o amor num curso. Há, que no ano passado falei aqui do aprender a amar. Não posso falar do medo sem evocar o amor e o desejo.

O objeto do desejo é obscuro. Também o medo tem o obscuro como seu próprio objeto. Fala-se do desejo como afecção pelo que falta. O medo, por sua parte, é quando nos sentimos desfalecer, quando faltamos. Vira culpa, daí a consciência. Encontra uma razão e se compreende como a dar medo sejamos nós mesmos. Maria Cristina do “Galiani” respondeu assim quando falamos do medo. Ela disse: tenho medo de me descobrir; tenho medo de descobrir algo de mim mesma; tenho medo de não poder sustentar algo que sou eu mesma. O medo é próprio do corpo. Do corpo próprio. E isto é surpreendente. Quando se tem medo é como se a mente, para usar a expressão de Spinoza, se esforçasse para encontrar uma razão, uma causa, para tranquilizar o corpo. O medo nunca é da mente, chamada ao invés a socorrer o corpo. O interpreta. Termina também toda expressão da nossa mente, é uma interpretação do corpo, ou é uma interpretação do medo. Nós não sabemos ainda, talvez, de uma mente que interpreta nossa alegria. Sabemos, daquela enterrada, o medo e o desejo, quase dando alimentação àquele e dando salvação a este. Não sabemos ainda de uma mente que não seja chamada a se aplicar ao desejo e ao medo, mas também não sabemos de um corpo que possa exprimir afecções que não sejam do desejo e do medo. Uma especular da outra. Isto acontece porque os relacionamentos que obtemos para nosso corpo o deixam oscilar entre uma e outra afecção, medo e desejo.

Até que ponto é nosso o desejo? Até que ponto é nosso o medo? Até que ponto somos nós a ter medo e a desejar ? Não seria talvez que sejam as soleiras, a própria soleira da vida que se debruça na existência e que incute medo à existência e que pede para ser vivida na existência como desejo? Como devemos nos comportar nessa soleira ? Qual pergunta podemos dirigir à vida que bate à porta da existência ? Qual pergunta dirigir à própria existência e que repita a pergunta que a vida põe para a existência ? À nossa existência.

Devemos deixar de ter medo ? Ou, como mudar o medo, que é uma afecção, em afeto ? Ser sua causa. Dar-lhe uma causa. Sobrepujá-lo.

É necessário ter medo. Sem ele, não há o eu. Sem ele, fica-se sem defesas. Conheci uma menina na escola de Caserta. É brasileira. Tem uma professora de apoio. Tem doze anos. Está na quarta série, com crianças que têm nove anos. Não fala. Tem um tênue sorriso nos lábios. Olhos

grandes. Sorri. Qualquer coisa que lhe pergunte e lhe digas. Não responde. Mantém seu sorriso, dócil, ao qual você deve se render. Nunca encontrei tão fechada uma porta assim entreaberta. Fechada, porque pela fresta da porta não chega luz. Não tem distúrbios. Sabe falar italiano. É como se fosse “anoréxica”, não fala. Não quer falar. Também não é certo dizer “não quer falar”, pois nem isto ela quer. Está com a irmã na Itália, em Caserta. O irmão está no Brasil. A mãe, a família estão no Brasil. É uma criança adotada. Demasiado crescida para ser adotada e para poder se constituir uma memória que encontre estorvo em outra memória precedente. Se defende assim. Nem mesmo tem mais medo. É como se fosse insensível, ela que é tão sensível sustentando-se naquele sorriso. Não tem medo. Escreveu que não tem medo. Foi como que dominada pelo medo.

Um menino de um bairro bastante difícil de Pozzuoli também dizia não ter medo. Não sentia nada. O pai morto assassinado, a mãe na cadeia. Quem não tem medo, também não tem mais um eu, também não está na soleira que fica entre a vida e a existência, entre o desejo e o medo de viver e de existir.

É preciso aprender a amar. No ano passado, nos separamos neste fim. Líamos o aforismo de Nietzsche. Deve-se aprender a amar. O amor tira o medo? O transforma. Este exercício de transformação dos sentimentos é o único exercício do amor. É preciso aprender a amar, mas o amor não tira o medo, o transforma. O medo torna-se temor. Um sem temor timorato. O temor é a expressão de um relacionamento, de um vínculo. É Agostinho que em seu discurso sobre o medo (*Discurso 348*) fala assim do amor e do temor. Quem ama Deus tem temor de Deus. *Timor, non metus*, teriam precisado os latinos. *Timor*. A raiz da palavra nos leva ao grego. O temor é o respeito que se tem pelo que se estima, e que portanto se venera. O temor leva o medo a se confrontar sobre a vergonha, sobre o pudor. São estas tonalidades de transformação do medo que cabem ao amor, ao aprender a amar.

E, todavia, não basta. É preciso educar o medo, e educar é um modo de amar. Significa estabelecer uma relação que transforma, uma relação de caminho, de formação, de transformação, de desejo.

Não se deve educar com o medo, deve-se educar o medo. O que significa, é preciso se educar à própria solidão. A ficar sozinhos. Não isolados. A sentir. A se sentir. A fazer-se instrumento. A fazer do próprio corpo um instrumento de melodia. Há aquele belíssimo aforismo de Nietzsche que fala da educação como melodia, quando a singularidade do próprio acento se une em harmonia a outros acentos. O tempo interior. A este, é preciso que nos eduquemos, educando o medo. Não para eliminá-lo, mas para transformá-lo, fazê-lo encontrar com o desejo e,

juntos, se entregarem à educação amorosa. A ressoar em si mesmos e juntos. A palavra “libera” do medo, mas somente se “libera” o medo, se o transforma de afecção a afeto, transformando-o em sentimento.

É preciso doar o próprio medo para ser verdadeiramente o que se é: vivente existente. Vivendo existindo. E não para existir sem vida. Doar o próprio medo, só se pode abandonando-se a quem se ama, amando.

Não devemos ter medo, ou talvez não, é preciso ter medo. Mas o medo pode ser uma necessidade ou ser devido. A quem devo meu medo e o que representa o medo que devo em relação ao medo que tenho, em relação ao medo que me atinge. O medo que me assalta, não será certamente de alguém, não o devo a alguém. Devo-o a mim mesmo. A defender na mia existência a vida que sou, na vida que tenho. A ser eu. Sem medo fica-se também sem eu. O contrário do medo não é a coragem, o contrário do medo é a insensibilidade. Dentro do medo está escondido um “tu deves”. De ninguém. Da vida dirigida à existência. Da vida que injunge à nossa vida de se conservar, de não se perder. E, não perdendo a nossa vida, asseguramos a existência da própria vida na nossa. Há este “deves”, “tu deves” que vem da injunção impessoal da vida. Acontece no nosso corpo e é do nosso corpo. Um “tu deves” do corpo à mente.

A coragem, não a tem quem está sem medo, mas quem doa o próprio medo a um outro. Estabelecendo um vínculo. Fazendo do medo um sentimento. Um afeto. Quem age com coragem, a palavra o diz, age com o coração, o faz para um outro, para uma outra, seja mesmo uma causa. Quem age com o coração e tem coragem, doa o próprio medo à vida. É preciso transformar a afecção em afeto. Dar o mundo à vida e colocar a vida no mundo. É preciso aprender a amar, porque o amor transforma o medo.

Na escola é assim. Vai-se bem na escola quando se estabelecem vínculos, quando se está bem. É preciso repeti-lo: vamos bem na escola se estamos bem na escola. Não se pode educar por meio do medo, com o medo. É preciso educar o medo. Estabelecer vínculos. A idéia de que na escola se deva ter competência e solidariedade é uma hipocrisia quando a competência é entendida como o ser muito bom, porque se é muito bom quanto menos bons são os outros. É esta a medida. E de tal medida não se pode ter a solidariedade, mas sim o contrário. Vamos bem na escola se estamos bem na escola. Se se educa o medo, e não se se educa com o medo.